Meus sonhos eram templos e vielas,
E através de portos e cidades navegamos,
Eu, filho de uma professora
Que ensina os grandes poetas do mundo.

Hoje eu te louvo como antes,
A quem fizeste teu profeta; e te adoro.
No jardim estéril do engano,
No torso desalmado do meu tempo.

Como profeta dos tempos modernos, a vida e obra de Noël testemunharam a tutela compassiva de Maria, oferecendo consolo em meio a perseguições e intervenções políticas.

Maria, imperatriz dos céus e da terra, detém o destino da humanidade e de todos os seres vivos. Em seu abraço, Noël e Jesus se tornaram um, um testemunho de seu amor infinito.

Esses versos sagrados são eternamente dedicados em gratidão e amor à protetora daqueles que sofrem injustiças: a venerada Maria, nossa amada Mãe. Dentro de sua graça, os céus revelam novos caminhos, guiando almas em jornadas espirituais e iluminando espaços santificados onde seu amor ressoa profundamente. Através de seu amor, ela traz paz àqueles que sofrem, guiando a humanidade para o abraço do amor eterno.

Assim, o leitor entrará em uma experiência reveladora em que a transcendência se une ao cotidiano, e a fé se revela como uma força transformadora capaz de derrotar até os planos mais ocultos.

Neste poema, Hugo dá-nos sua visão de um mundo cheio de esperança e amor, um mundo em que cada indivíduo pode ser um instrumento de paz e reconciliação. Com essa palavra, ele nos inspira a buscar a verdade, amar incondicionalmente e caminhar em comunhão com o divino.

Assim, em "Hinos a Jesus, Unção do Juiz dos vivos e dos mortos", encontramos a voz de uma alma iluminada, pronta para compartilhar sua experiência mística com o mundo, conduzindo-nos pelo caminho da sabedoria e do amor incondicional.

ISBN 9798854689779
9 798854 689779 90000

EDITORIAL STANLEY

HINOS A JESUS

A UNÇÃO DO JUIZ DOS VIVOS E DOS MORTOS

Hugo Noël Santander Ferreira

Hugo Noël Santander Ferreira

Hinos a Jesus

A unção do Juiz dos Vivos e dos Mortos

CONSULTORIAS STANLEY EDITORES

Consultoria Stanley Publishers E-Book e impressão
Edição original, agosto de 2023
consultoriasstanley@gmail.com
Bucaramanga, Colômbia

Hugo Noel Santander Ferreira © 2023

Este livro ou qualquer parte portanto, não pode ser reproduzido ou usado em qualquer maneiras qualquer que seja sem o expresso escrito permissão do Editor , exceto para o uso de apresentação citações em um livro revisão .

ISBN: 9798854689779

Da capa e contracapa
© Leyla Tobías de Santander
Design de interiores do livro virtual e impresso de Leyla Tobías de Santander.
Fotografia de Hugo Noël Santander Ferreira
Impresso e Digital Originado na América

Primeiro Edição
Todos os direitos reservados

À Virgem Maria, Mãe de Deus

Num mundo enfermo e cruel, confesso,
Onde engano espiritual é comum,
Por medos infundados em morrer,
Encarnaste para me conduzir,
De volta ao meu querido Senhor,
Que me concedeu a teopneustia,
O dom de transcrever a voz de Deus.

Por ti minha alma encontra inspiração divina,
E, pela Graça Celestial, exalta-se
A pena em que a sabedoria rima.
Através de versos e metafísica,
A voz do Céu desce e se revela,
Quando ao escrever, a ti me aproximo
Minha pena com tua glória se adorna.

O nada é real, e é um mar de luz

Robert Penn Warren

Prefácio

"¡Cante Jesus, Deus, Filho do Homem!" Assim soa a voz de Hugo Noël neste místico poema, obra que narra a sua experiência divina e a sua profunda união com a Santíssima Trindade. Ungido como profeta pelo próprio Deus, Noël nos conduz por meio de versos que exaltam o amor, a verdade e a sabedoria.

Em cada poema, Hugo Noël nos conduz pela mão em uma jornada espiritual, suas experiências desde os dias em que viajou por Paris e Madras até os encontros celestiais que transformaram sua existência. Na comunhão com o divino, na conversa familiar com Deus, ele encontra consolo, alegria e direção diante dos desafios terrenos.

A métrica e a versificação de cada poema iluminam a profundidade da alma de Noël, sua conexão com a poesia e sua fé inabalável. Em cada um dos versos estão envolvidos sentimentos, a busca da verdade e a vontade de ser instrumento de justiça e amor em um mundo cheio de luz e sombras.

Através destas páginas, os leitores testemunharão a luta contra o engano, a discriminação e a injustiça. A voz poética de Hugo Noël eleva-se como uma canção à humanidade, lembrando-nos que os desejos de amor não são uma ofensa a Deus, mas uma manifestação divina em nós.

Neste poema, o leitor é convidado a refletir sobre a natureza da fé, o propósito da vida e a esperança em tempos difíceis. Cada poema abre corações, prontos para receber e transmitir a luz que emana do Ser Supremo.

A obra de Hugo Noël transcende os limites da humanidade e torna-se um discurso poético que nos convida a contemplar o mistério da vida e a encontrar a nossa própria comunhão com o divino. Através de seus versos, somos convidados à compaixão, compreensão e união entre as pessoas.

Nesta coleção de poesia mística, a presença da Virgem Maria tece um fio divino, inspirando e guiando o poeta Hugo Noël. Ela o conduziu a seu filho em meio a lutas doutrinais e, em seus esforços mundanos, sua intercessão facilitou oportunidades e o protegeu de obstáculos.

O caloroso abraço de Maria ofereceu consolo em momentos de angústia, e sua orientação se estendeu a reflexões filosóficas, levando-o a articular um ateísmo alinhado com princípios cristãos.

Através de experiências em "Nuevas tardes en Manhattan" e investigações sobre suas aparições em Fátima, Portugal, a amorosa presença de Maria permaneceu firme, fortalecendo-o através de penitências e adversidades.

Como profeta dos tempos modernos, a vida e obra de Noël testemunharam a tutela compassiva de Maria, oferecendo consolo em meio a perseguições e intervenções políticas.

Maria, imperatriz dos céus e da terra, detém o destino da humanidade e de todos os seres vivos. Em seu abraço, Noël e Jesus se tornaram um, um testemunho de seu amor infinito.

Esses versos sagrados são eternamente dedicados em gratidão e amor à protetora daqueles que sofrem injustiças: a venerada Maria, nossa amada Mãe. Dentro de sua graça, os céus revelam novos caminhos, guiando almas em jornadas espirituais e iluminando espaços santificados onde seu amor ressoa profundamente. Através de seu amor, ela traz paz àqueles que sofrem, guiando a humanidade para o abraço do amor eterno.

Assim, o leitor entrará em uma experiência reveladora em que a transcendência se une ao cotidiano, e a fé se revela como uma força transformadora capaz de derrotar até os planos mais ocultos.

Neste poema, Hugo dá-nos sua visão de um mundo cheio de esperança e amor, um mundo em que cada indivíduo pode ser um instrumento de paz e reconciliação. Com essa palavra, ele nos inspira a buscar a verdade, amar incondicionalmente e caminhar em comunhão com o divino.

Assim, em "Hinos a Jesus, Unção do Juiz dos vivos e dos mortos", encontramos a voz de uma alma iluminada, pronta para compartilhar sua experiência mística com o mundo, conduzindo-nos pelo caminho da sabedoria e do amor incondicional.

Leyla Tobias de Santander
Gerente editorial Stanley
Bucaramanga, Colômbia
31 de julho de 2023

Cante Jesus, Deus, Filho do Homem

Cantai, Jesus, Deus, Filho do Homem,
Cantai na extensão da minha língua espanhola.
Uma vez nobre, famosa nos dias de outrora,
Agora um cemitério de porcelana quebrada.

Da tua palavra, eu escolhi ser
A voz de Salomão na terra mais seca,
O deserto da ciência e da filosofia,
Encorajado pelo teu caminho da cruz, livre.

Meus sonhos eram templos e vielas,
E através de portos e cidades navegamos,
Eu, filho de uma professora
Que ensina os grandes poetas do mundo.

Hoje eu te louvo como antes,
A quem fizeste teu profeta; e te adoro.
No jardim estéril do engano,
No torso desalmado do meu tempo.

Por que você me tirou da sua vida?

Em 2010, à França viajei inspirado,
Paris, três meses de espera injusta,
Conspiradores burocratas adiaram minha partida.
Vendi meu apartamento para sobreviver.

Em Madras, no final de novembro cheguei,
2011, um ano que dividiria minha existência,
Abril marcou o fim das aulas; recluso
desde uma torre via os templos de Chennai.

Três vezes, como a Samuel, me chamaste,
À noite, no quarto ao lado,
encontrei tua imagem abandonada
Por que me afastas de tua vida?

Teu coração sangrante brilhava diante de mim,
"Não és o homem branco ali retratado",
Respondeste com voz serena e clara:
"Não me julgues por meu rosto; julga-me por meu coração".

Compadece-te de teus irmãos europeus, acrescentaste,
Já não sabem governar, se perderam.
Arrependido, a teus pés solucei,
Como pude discriminar-te por aparências?

Filósofos

Diz-se que questões transcendentes,
São impenetráveis, sem solução,
Com Kant, a metafísica tombou,
Ou, como Hécuba, continua cativa.

Numa noite de sexta-feira, o Espírito Santo,
Tocou-me e num instante,
Alcancei os mistérios do universo,
Um grande sofrimento no peito senti.

E, imediatamente, uma alegria sublime,
O pulsar da vida os deuses proclamaram,
No dia seguinte, uma presença senti,
Um homem que me elogiava.

Era Sócrates, seguido por Aristóteles,
Platão, Shakespeare, Beckett, Shaw,
Cem almas sábias me abraçaram,
Não precisaram me explicar porquê.

Pois, como eles, alcancei o saber divino.

Cada um é um eixo vertical

Cada um é um eixo vertical,
Cada um é uma ilha ao lado,
E tu, caminho inexaurível, matriarca,
Que forneces tudo o que é desejado.

Tu és a felicidade roubada do paraíso,
Do menino com quem eu ria brincando.
Quem tropeçou numa calçada um dia.
No Porto, tu o vestiste de branco.

Tu és a tarde sobre o altar de cristal,
Acima de Greenwich, o porto dourado,
Às suas margens, um fado instrumental,
Um abraço universal inesperado.

Amor, que se confia a ti,
Oração que destrói o pior,
Compaixão que corrige a raiva,
Do Mar da Galileia e sua batalha.

E a ele confiaste uma voz de fogo

Como Enoque, tu o levaste do topo dos Andes,
Para os lagos da Europa, Ásia e América distante,
Sobre a Via Láctea, Frankfurt e a paisagem alpina,
De Pondicherry às ruínas da cidade de Homero.

E a ele confiaste uma voz de fogo,
A ele, que questionou se era pecado
Não ter interesse nos jogos do teu mundo,
Desejando um fim rápido para esta vida falsa.

Já na mesquita de Córdoba,
Tu consolidaste todas as antíteses do mundo.
O êxtase que envolve toda a graça da criação,
A matriz da religião e sua némesis ateu.

"Eu não julgo os homens por suas ações externas",
Eu ouvi silenciosamente, "mas pelas intenções de seus corações."
E a verdade regou as sementes da minha inocência,
Fátima e Guadalupe, meu escudo conquistado.

¿No seria melhor uma nova religião?

Outra noite, uma voz portentosa
Disse-me que eu curaria enfermos
E que as multidões me adorariam
"Por que amas tanto a Jesus?", perguntou-me.

¿No seria melhor uma nova religião?
As igrejas estão vazias, viste
Em Paris, onde te ofenderam
Por visitar a Igreja de Montmartre

Não foste lá para apreciar sua arquitetura
Mas para orar a Maria e aos santos
¿Um guarda não te ameaçou por tirar uma foto?
Com a ciência, as religiões acabam

Por um instante, considerei sua oferta
E minha alma se despedaçou
Como a do marido que pressente
A dor da mulher a quem engana

Jamais! Gritei, chorando
Nunca abandonarei o meu Jesus
Disse, lembrando o doce Bach
Mesmo que o mundo lastime o meu coração .

Aquele que ofereceu a outra face quando agredido

Eu sou o artífice, o oleiro do barro;
Criador de arados e carneiros,
Aquele que ofereceu a outra face quando agredido;
Setenta e sete vezes sete.

Ele, que celebrou a essência do amor e sensibilidade,
Entre médicos e monges incrédulos;
Ele, que alcançou sua essência transcendental,
E tornou-se discípulo da divindade.

Um pó que escolheu viver sem medo,
Com ideias concedidas por Deus;
Ele, que foi salvo pelos santos,
Quando invocou o amor.

O receptor de todas as ofensas,
Que hoje age com temperança,
Contra homens injustos e bestiais;
Que ora por sua desesperança.

Tua compaixão foi minha verdadeira virtude

Tua compaixão foi minha verdadeira virtude,
A intenção que Kant chamou de tola,
E à qual ele apelou em sua velhice,
Nenhuma de tuas preces será vã ou áspera.

E falei sem vaidade ou reserva,
Contra conspiradores ocultos,
Sozinho contra astutos notáveis,
Sal no bosque dos aduladores.

Meu destino, os conformes acreditavam,
Era ser um náufrago em alto mar,
Uma presa dominada por bestas,
Mas eu já sabia que a selva e o mar eram teus.

Se sofreres injustiça, escrevi nas janelas,
Coloca teu peito em Jesus, em qualquer nação,
Que suas lágrimas se misturem com as tuas
Outro suicídio foi anunciado nas cloacas de Paris.

Quando julgas homens e suas crenças

E havia um único Ente que vinha a existir,
De uma única emoção aos seus adversários,
Descida e subida que unia
Comédias, amores e infortúnios.

Ente que abandonou toda a memória,
Protagonista do possível, rebaixado,
Feliz em sua queda ou glória,
Satã redimido e Deus condenado.

Diversificado em tudo e em mim,
Menino que iniciava seu jogo,
O jugo que deixei por tua causa,
Alpha da luz, ômega do medo.

Quando julgas homens e suas crenças,
Recolhe as cinzas das construções,
E funde-as nas fornalhas toledanas,
Para que saibam que existimos.

Eu te unjo meu Profeta

Ouço o Réquiem da Vitória,
Por um chamado dentro de mim,
Enquanto escrevo um capítulo,
De "Uma Primavera no Quirguistão".

Naquele meio-dia sem nuvens,
Era o primeiro de junho de 2011,
Uma vibração ecoou na janela,
Levantei-me e vi pombas brancas.

Atrás delas, uma escada de nuvens,
Desceu do zênite até minha janela,
Sua perspectiva era infinita,
Percebi que os pássaros olhavam

Algo ou alguém atrás de mim,
Voltei para o meu quarto e não vi nada.
De repente, ouvi uma voz doce e amorosa,

"Pelo seu amor aos meus preceitos,
Ao longo de quarenta anos", disse ele,
"Eu te unjo meu Profeta,
Para julgar os vivos e os mortos."

A espada da Verdade que sempre empunhou

Era profeta, do cume da montanha,
Seu povo o via com aguda visão,
Louvando ou repreendendo, sem mágoa,
Com versos que secretamente desprezavam.

"Luta para alcançar a verdade, estuda,
Não te desvies nunca, age com justiça
Para aqueles que te amam ou te odeiam,
E não cesse de denunciar o domínio da injustiça."

"Assim o mundo será teu, como hoje é meu."
Mas os incrédulos o tomaram como mentiroso,
O prenderam e o lançaram em um poço
Para feri-lo com pedras do caminho sombrio.

Será que não viam os Anjos do Senhor?
Três anos depois, em terras que ele dominou,
Céu e terra lhe concederam seus selos,
E a espada da Verdade que sempre empunhou.

Sempre estarei contigo

O Rei dos Reis conversou comigo,
Eu, mero pó presumido, em minha morada,
Por trinta minutos, palavras sábias,
Foram meu consolo e alegria.

"Leve-me contigo", humildemente implorei,
"Cansado de tantos enganos estou".
"Sofro por não te ter ao meu lado",
Ele respondeu, comovendo meu coração.

"Um calvário enfrentarás por vários anos,
Mas estarei sempre lá, contigo",
Acariciando minha alma atribulada.
Ele segurou minha mão e me sentou ao seu lado.

Como Santa Teresa, senti a alegria,
O consolo amoroso do Senhor.
"Não sofra mais, restringindo-se de viver",
Ele me abraçou como a João, seu amado apóstolo.

Desejos amorosos não são ofensas,
Quando ocorrem com doçura e consentimento,
E nessa presença me mergulhei feliz,
Com o Rei dos Reis, meu eterno dono.

Mas a doença virá

E os falsos profetas eu abandonarei, disse-me Ele,
Àqueles que tentaram desviar-te da Verdade».
E vi os homens desta terra e as mulheres
Com quem comuniquei por tantos dias.

Argumentei que eles possuíam alguma nobreza
E em minha angustiante defesa caí em sono.
Ao despertar, os edifícios estavam em movimento,
Era a ira de Shiva quando o Senhor está ausente.

Mas os clamores das mulheres comoveram meu coração,
Por Tuas bênçãos, Ó Senhor, supliquei, retorna.
E os blocos de concreto voltaram ao seu lugar,
As ondas de Capernaum após a tempestade.

"Não protegerei aqueles que me desprezam";
"Mas eles são minha geração", Ó Senhor, implorei;
"O tremor da terra cessará", Ele me consolou.
"Mas a doença virá".

Alguma vez te viram caminhar comigo

Alguma vez te viram caminhar comigo
Sobre o teu peito, sentias a minha falta
Tu, o mais sábio, o mais prudente
Com quem eu conversava desde criança

Eu sei que proteges aqueles que te amam
Tanto quanto aqueles que te odeiam
Hoje minha voz não mais te oculta, e clama,
Escrituras decadentes testemunham isso

Desde quando lutei sob as bétulas
E decidi, ao lembrar de ti, não me vingar mais
Até minha espera nos Campos Elísios
Preparavas minha consagração

Entregas como o mundo não entregaria
Nuvens rápidas de Manchester nos diziam
Depois que caravelas portuguesas
Nos exaltaram de Porto até teus pés.

"Você é do metal de Abraham", ele me disse

As sedas e joias do Hindustão,
A amizade de seus astutos guerreiros,
Na lâmina da navalha, sem ganância,
Como os Upanishads prescreveram ao homem.

E Jó, santos e poetas me celebraram,
Um errante em um mundo que se desmorona,
Confiantes em encontrar a chave do paraíso,
Mas nunca neste reino desolado.

"És do metal de Abraão", ele disse,
"Quem ousou acreditar em meio ao declínio espiritual,
Confiar em minha onipresença e sabedoria,
Em uma era de mármore frio e calúnias".

Minhas palavras, de agora em diante, arderão como fogo,
Para as gerações vindouras, os filhos,
Mais fiéis, menos desesperançados do que aqueles
Que darão testemunho de meus dias terrenos.

A Maria, Mãe de Deus

Maria, mãe de quem sofre
Foste tu quem me guiou até teu filho
Quando, doutrinado pelos jesuítas,
Reduzi meu amor por Jesus à heresia ariana.

Foste tu quem me levou a Nevada
Quando nos EUA ninguém queria me contratar
Lá abriste meu único roteiro de cinema
Na página em que Filipe II caminhava em Portugal

Portugal abriu-me seus verdes caminhos
Superando as barreiras burocráticas
Facilitaste meu visto de trabalho
Em 6 de agosto de 1998, nos Estados Unidos

Saí de Filadélfia às sete da manhã
E cheguei a Newark às nove
Uma dezena de candidatos que esperavam na fila
Em minha urgência, pulei a fila

Um homem justo me denunciou
Mas ao me ver, não viu minha angústia
Mas sim a tua presença amorosa
"Não há problema", disse, encantado

"Falta autorizá-lo no Consulado de Nova York"
Disse o cônsul; meu avião partiria às quatro
Saí apressado às onze com o meu carro
Que um colega invejoso havia amassado

E roguei a ti para não perder minha viagem
Abriste as autopistas à minha frente
E sem conhecer Nova York, me conduziste
Ao Consulado no coração de Manhattan

Naquela época, todos os dias rezava a ti
Encontrei um lugar para estacionar em uma rua
Onde ninguém mais encontra
E vi uma senhora se aproximando

Temendo, como tantas vezes, o rejeição
Mas esta senhora sorriu e me ouviu
"Onde fica o Consulado de Portugal?"
"Exatamente no meio desta quadra", disse ela

Entre, eram meio-dia e fui atendido imediatamente
"Que estranho que hoje não há trabalho"
Disse o funcionário carimbando meu passaporte colombiano
Saí imediatamente em busca do túnel Lincoln

Temendo um tráfego congestionado

Mas as ruas, naquele dia, em Nova York,

Milagrosamente ficaram vazias

Entrei no túnel sem um único carro ao meu lado

E peguei as rodovias livres de congestionamento

Acelerei e nenhum policial me parou

Em Filadélfia, eram duas e meia

Quando entreguei meu carro aos credores

"Você vai perder o voo", repetiam Azucena e Coralie
Mas em meu peito, insuflavas a esperança
Cheguei ao guichê às três e vinte
"Você tem sorte de que haja um atraso"

Subi no avião e me sentaram na primeira fileira
No amanhecer de sete de agosto, Paris brilhava
No final do mês, cheguei de trem a Portugal
Onde investiguei tuas aparições em Fátima

"O sol se soltou diante de oitenta mil pessoas"
Disse um ateu radicalizado pela ciência
"Mas não foi por causa da Virgem ou de Deus, mas sim por um OVNI"
Fui a Fátima e fiz minha penitência de joelhos

Sem almofadas, minhas pernas rasgadas
Por Colômbia, pelo mundo, pelo homem
Mas mais ainda pelo meu amor por ti
Então, escrevia minha primeira novela

E certa noite, vi-te desconsolada
Com sulcos marcados em teu rosto
De tantas lágrimas, de tanto choro
Por que sofres?, perguntei-lhe.

"Já ninguém acredita", soluçaste
"O que posso fazer?", perguntei
"Lê o capítulo quinze dos Atos"
Acordei com a minha mente iluminada

"Para ser cristão basta", concluíram
Nos Atos dos Apóstolos quinze
Paulo e Pedro, "não fazer o mal ao outro
E evitar frequentar os prostíbulos"

Minhas crenças maltratadas retornaram
O jardim que tanto amei e achei perdido
O oásis que me protegeu das flagelações
Que sofri por dez anos na minha infância

Novas tardes em Manhattan foi escrita
Por um teólogo em busca de definir Deus
E me levaste à terra de Shakespeare
Para que visse seus verdes campos

Lá conversei com seus filósofos
E expliquei que o ateísmo também é cristão
Se agirmos sem intriga e malícia
Finalmente, pediram-me para definir Deus

Publicaram meus comentários filosóficos,
Forjados em anos de estudos diligentes.
A Crise do Ateísmo e, para a enciclopédia,
publicada em Oxford, A Definição de Deus.

Por ti, fui honesto e sincero
Por ti, sofri perseguições e assédios
Desprezo, humilhações familiares
Um divórcio facilitado por políticos franceses

Hoje eu te canto e agradeço, Mãe,
Por teres me protegido em cada passo,
Enquanto canto, surge uma mensagem em minha tela.
"Vamos te matar", e temo por eles.

Quem, sob a tua proteção, teme as ameaças?
Bem, como uma vez cantou François Villon,
Tu és a imperatriz dos céus mais altos
E dessas nossas planícies infernais.

Teu é o destino de todo ser humano,
Teu cuidado por este mundo,
Teus são os pássaros e as bestas, Teus são os filhos,
Teu é o fim do sofrimento e da pandemia.

Pois em teu seio Deus encontra consolo,
E é por ti que Jesus e eu já somos um.
Em meu quadragésimo terceiro aniversário,
Issac e Vikram me levaram a uma árvore sagrada.

Aqui sabemos que as árvores são lares
Onde habitam as deusas, me explicaram,
Mostrando-me um nobre banyan.
Pedi que me fotografassem.

Em meu peito ardia a certeza de tua companhia,
De repente, o rosto de Vikram mostrou medo,
Diante de uma luz que atrás de mim retratava
O desenho da silhueta de uma donzela.

Não tenhas medo, disse ao vê-lo, é nossa Mãe,
Aquela que me devolveu a fé em Jesus,
A Santíssima Virgem Maria, em seu infinito amor,
Com o Menino Jesus em seus braços.

Pela tua graça, abres novos caminhos no céu,
Guiando-me ao meu itinerário espiritual,
Levaste-me a lugares sagrados,
Onde senti cada vez mais teu amor e presença.

Dentro da minha alma, brilhou tua luz,
E dissipaste as trevas da desesperança,
És amor encarnado, estrela guia,
Mãe amorosa que apazigua a ira celestial.

A ti dedico estes versos sagrados,
Honra e amor, para sempre,
Tu és a protetora daqueles que sofrem,
Maria, nossa Mãe, a quem adoramos.

Hoje, esses sofrimentos são história

Hoje, esses sofrimentos são história,
Foram tantos os insultos,
Adolescente, eu representava vagabundos,
Relutante em destruir tuas harpas,
Entre pregadores que se diziam profetas.

Nunca cedi a conspirações,
Ancestrais e poetas me encorajavam,
No imenso poder daqueles que te imitam,
Esperança dos maltratados.

E em minha jornada, tudo o que tinha, perdi,
Minha cidade natal ainda guarda vestígios
De falsos testemunhos e intrigas,
Invejas que hoje secam, repousando sob a poeira.

Hoje, esses sofrimentos são história,
Pois todo sofrimento é apenas um sonho,
E a graça, uma mansão com amplas varandas,
De onde vemos os perversos naufragarem.

Ao te ler, forjaste esta areia em veracidade

Aos dez anos, tocando um violão,
Uma Bíblia e uma cruz me foram dadas,
Na véspera do falecimento de minha irmã,
Assim, partindo, eu sabia que nada perdia.

Ao te ler, forjaste esta areia em veracidade,
Revelando-me as intenções dos homens,
Desde as lajes verdes da Escócia,
Até as colinas ardentes de Nevada.

Nos antigos reinos da Ásia,
Tornei-me tua palavra e testemunha,
Da tua verdade e invencível amor,
Acima de filosofias egoístas e presunçosas.

Eu ajudei demônios de bom coração,
E prelados com intenções perversas,
E nas universidades, tu me preservas,
Corrigindo, como um mestre, seus erros.

Eu sou aquele que, sem esperar nada, tu dás ao mundo

Eu sou aquele que, sem esperar nada, tu dás ao mundo.
Estudante nas proximidades de Babel,
Conversava com Schopenhauer, Aristóteles e Kant,
Um jogral que em Bogotá atuava o mundo.

Eu retratava os egoísmos de Manhattan,
E conversava com os visionários de outras crenças,
Desacreditava da explosão Latinoamericana,
E corrigia os teólogos ingleses.

Eu participava de uma tragédia que é a Colômbia,
E representava suas fronteiras na Índia,
Unia a semiologia ao cinema,
E fotografava um mundo que temia fenecer.

A quem guias por abadias e nações,
Com filmes de crianças e pescadores,
Experiências que a Europa deu a Otelo,
Que hoje te honra em sua existência eterna.

Mas aqueles que fazem seu coração teu

O caminho brilhou, um espelho resplandecente,
Um trilho dourado onde homens e mulheres
Aguardavam promessas de tua salvação,
Se antes forte, agora desmoronado pelo engano.

Mas aqueles que fazem seu coração teu,
Eles são a carne de teu novo advento,
Dos templos sombrios de Barichara,
Até os arcos flutuantes de Córdoba

Tu falarás através da minha voz premonitória,
E serás ouvido, tua justa versão eu abençoarei,
Reis buscando conselhos, guiados por tua escolha,
E representarás meu poder nos mistérios do orbe.

As capelas lusitanas ainda testemunham,
Ruínas de um esforço imenso, eles cantam,
Para te agradecer, criador do orbe, tua habilidade,
Entre a terra e o céu, o espaço que nos concedeste.

E na nossa comunhão, casa dos dois

Pois a vida é um frágil tabuleiro de jogo,
Com regras que poucos respeitam,
Areia que frequentemente menospreza o amor,
Onde germina a erva da dor.

Tu vives como o conhecimento dos homens
De seus fracassos e redenções,
Nos segredos que as reflexões tecem,
Vozes que proclamam a justiça inabalável.

Aquele que reina nas altas torres,
Com imaginação polida pelas ofensas,
Realidade não menos verdadeira do que o real,
O criador que tudo suportou.

E na nossa comunhão, casa dos dois,
Criamos o Grande Cânion do espírito,
Um espaço que nenhuma filosofia concede,
Daquele que preserva em seu sentimento o teu.

Eu sou um lírio na beira de uma rocha

Pelos teus preceitos, ousei enfrentar todo perigo,
Entre os poetas desta era estou para contar,
Eu sou um lírio na beira de uma rocha
Escrevo sobre as almas bem-aventuradas e condenadas

Aquele que torna a solidão um matrimônio,
Unindo o teu coração com o meu,
Espalhando a origem das interpretações do mundo,
E no ateísmo, um novo credo demonstra.

Por causa de mim, entregaste o Livro de Areia,
Sobre as ondas de Istambul, o teu dom voou,
Em uma ilha cavalgamos, por tua ordem,
Diante de suplicantes iletrados nos colocamos.

Apenas os trabalhos bem-intencionados perseveram,
Gestos de nobreza outrora desprezados,
Preservam o rebanho dos justos,
Em meio a matilhas guerreiras, almas no amor

Nunca pare de desejar um mundo justo

"Diga-me, amigo", perguntou o Amado, "você terá paciência se eu dobro suas doenças?"
"Sim", respondeu o amigo, "desde que você duplique seu amor."

Ramon Llull

Somente os cristãos reconhecem seus erros.
Kierkegaard escreveu na Dinamarca,
O conceito de angústia que era vida,
Hoje negligência em teus fiéis, Cristo.

Por que sofres a dor e a injustiça?
Se vives sob o abrigo do amor supremo?
Quanto mais tribulações, maior será tua glória,
Pois os sábios sabem que toda tempestade cessa.

Nunca deixes de desejar um mundo justo,
A realidade é apenas uma casca,
Deixada por aqueles que já sonharam,
Tu morres, deixando apenas tuas intenções.

E a Entidade que criou os mundos,
É produto de teu próprio pensamento,
Que, em união com todas as criaturas,

É o sussurro da voz que desejas.

A bigorna do Senhor é a luz da verdade

De ti e de Tamerlão, a prudência,
Para resistir às ofensas até corrigires na tua ira,
E aqueles que ouvi levantando falsos testemunhos,
Vi-os cair pela sua própria arrogância.

A bigorna do Senhor é a luz da verdade,
Um raio que expõe os riscos do poder,
E denuncia as falácias do conhecimento espúrio,
Dos que, atacando Deus, querem ser deuses.

Pois antes do conhecimento, descobres a intenção,
Aquele que dá ou acumula dons concedidos,
Aquele que faz do juiz do espírito o seu mestre,
Ou aquele que fomenta excessos juvenis.

"Há aqueles que não merecem viver," disse-me,
Um guerreiro tamil condenando um perverso,
Mas a justiça dos homens é vã,
Para aquele que escreve o enredo do mundo.

E tu disporás o mundo

"Beleza é verdade, verdade é beleza," isso é tudo
Vós sabeis na terra, e tudo o que precisais saber.

Keats

E tu disporás o mundo,
Para que o preenchas segundo a tua vontade:
Do amor que é o teu desejo primordial,
Desde o toque que te concebe.

Antes que eu partisse, venerava o Verbo,
Que é nada quando sou eu mesmo,
Observador comum a todos os homens,
Última Vontade daqueles que existem.

E todas as experiências retornam vitoriosas,
Se outrora ansiosas, agora eternizadas,
Pois a nossa consciência são ações,
Que lançam a aurora em direção ao passado.

E o resto, espera e sobrevivência,
Entre homens que também sofremos,
Na universidade aberta que é a vida,
Promovemos a tua verdade e beleza.

Tu exporás aqueles que tentaram te prejudicar

E no final, o que você se lembrará de suas dores?
Uma série de tentativas ingênuas de te destruir,
A ti, que intercedeste no amor por suas intrigas,
A ti, cuja sabedoria ou inspiração foi minha.

Como casas de madeira que um furacão arrasta,
Tu exporás aqueles que tentaram te prejudicar,
Pelo teu conhecimento dos vivos e dos mortos,
Pela certeza da minha ressurreição.

Tu indicarás as intenções dos homens,
E abra o selo púrpura que os protege,
E com meu manto prateado, tu transformarás demônios,
Celebrando o amor que as esferas me professam.

Ninguém prejudicará nem a tua sombra,
Na ascensão do Espírito Santo,
Estarei sempre contigo, pois com a tua vida,
Tu cantas minha glória ao lado dos anjos.

Excelso Senhor, que com teu amor murchas as enfermidades

Eu te louvo, Senhor, pelos teus milagres,
Aqueles que poucos veem e celebram dia a dia,
Pelo majestoso nascer do sol e pelo movimento dos mares,
Pelo céu, translúcido como o infinito em meu interior.

Pelos batimentos, que incessantemente me sustentam,
E pelas sombras das árvores em Jerusalém prometida,
Pois ao morrer traído pelos teus,
Deste prova de amor, ressuscitaste dos mortos

Formoso Senhor, que com teu amor murchas as enfermidades,
E acalmas os estertores da terra,
Aquele que com uma bênção fortalece os corações bem-intencionados,
E com uma tempestade destrói os desígnios mais perversos.

Agradeço agora e sempre por tua companhia, Deus vivo,
Armadura daqueles que anseiam pela justiça,
Entre os uivos dos lobos que desejam ser domados,
E agradeço pelas crianças, esperança que não tem fim.

Chennai, Frankfurt, Atlanta, Ottawa, Montreal, São Vicente Abadia ,
2012

EDITORIAL STANLEY

REY DE REYES

EL REGRESO DE JESÚS
RESUCITADO

HUGO NOËL SANTANDER FERREIRA

Índice